

Resumo:

Estudo dos fenômenos lingüísticos sintáticos nas produções textuais de alunos do ensino fundamental na 5ª. Série do Colégio de Aplicação – UFSC a partir de uma atividade de reescrita da obra “O velho da Praça” de Antonieta Dias de Moraes. Livro paradidático adotado com objetivo de analisar os elementos da narrativa e a competência do aluno na produção de resumo das principais informações do enredo, localização temporal e espacial e compreensão do enredo. As realizações do complemento verbal – objeto direto e indireto – nas diferentes realizações: pronome pessoal do caso oblíquo, pronome pessoal do caso reto, sintagma lexical e categoria vazia. A análise linguística do fenômeno estabelece a comparação do que as gramáticas normativas estabelecem como regra a ser seguida e as realizações possíveis segundo uma gramática internalizada que leva o aluno a reproduzir na escrita as variações da língua oral ou coloquial em produções escritas. O papel do profissional de língua portuguesa garante um ensino de análise e reflexão da língua, que leva o aluno a entender suas escolhas em diferentes modalidades de produção oral e escrita.

Palavras-chave: Análise linguística, complemento verbal, ensino de língua portuguesa.

⁵⁶ MORAES, Antonieta, Dias de. O velho da praça.: Ilustrações Ciça Fittipaldi. _ 19ªed. São Paulo: Atual, 1988.

⁵⁷ Professora – Colégio de Aplicação
Universidade Federal de Santa Catarina
Mestre em Letras – Estudos da Linguagem
Universidade Estadual de Londrina – UEL
E-mail: ana_zys@hotmail.com

Resumen:

Estúdio de los fenómenos lingüísticos sintáticos en las producciones textuales de los alumnos de la enseñanza fundamental en el 5 grado del Colégio de Aplicación –UFSC a partir de una actividad de reescrita de la obra “O velho da praça” de Antonieta Dias de Moraes. Libro paradigmático adoptado con el objetivo de analizar los elementos de la narrativa y la competência del alumno en la producción del resumen de las principales informaciones del enredo, localización temporal y espacial y comprensión del enredo. Las realizaciones del complemento verbal – objeto directo y indirecto – en las distintas realizaciones: pronombres personales del caso obliquo, pronombre personal caso recto, sintagma lexical y categoria vazia. El analisis lingüístico del fenômeno establece la comparación de lo que las gramáticas normativas establecen como regla a ser seguida y las realizaciones posibles según una gramática internalizada que lleva el alumno a reproducir en la escrita las variaciones de la lengua oral u coloquial en producciones escritas. El rol del profesional de lengua portuguesa garantiza una enseñanza de la analisis y reflexión de la lengua, que lleva el alumno a comprender sus elecciones en distintas modalidades de producción oral y escrita.

Palabras clave: analisis sintática, complemento verbal, enseñanza de lengua portuguesa.

Introdução

Os estudos lingüísticos realizados nas últimas décadas conduzem-nos a uma sistemática observação do uso da Língua Portuguesa, tanto na linguagem formal como na informal, devido ao que se estabeleceu como regras a serem seguidas e as possibilidades da realização dessas regras pelos falantes da língua. A complexidade lingüística, constatada na observação dos fenômenos lingüísticos que têm caracterizado a sintaxe do português

falado hoje no Brasil, representa um vasto campo para os pesquisadores, os quais têm se beneficiado, ao longo da história, de abordagens teóricas que permitem uma descrição das línguas considerando os diversos aspectos possíveis de investigação, como faz a teoria sociolinguística de Labov, a gerativa chomskiana e demais abordagens.

Para a teoria gerativa a capacidade do indivíduo de transformar ou de fazer uso de forma diferente do estabelecido pelas gramáticas normativas comprova que o falante faz uso da gramática internalizada em escolhas que comprovam sua competência para desenvolver, dentro de parâmetros estabelecidos para o sistema, o ato comunicativo da fala. O estudo dos fenômenos linguísticos e das mudanças constatadas precisa, portanto, considerar o falante como portador de capacidade linguística inata e possível de sofrer alterações e evoluções.

Pensando nisso, acredito que os estudiosos da Língua Portuguesa - aqui eu me incluo primeiramente como professora da disciplina LP e também como pesquisadora dos fenômenos lingüístico-filológicos – têm um desafio maior por se tratar do ensino em um sistema que apresenta particularidades: o português formal/escolar/ da escrita ensinado nas escolas e o português de uso de grande parte dos brasileiros (o português coloquial/informal).

Segundo Galves (in: Vasco 1999, p.58) do ponto de vista da Língua Interna, quando duas Línguas-I contiverem em sua parametrização pelo menos um parâmetro fixado diferentemente, serão consideradas distintas e, nesse caso, “não só as duas gramáticas produzem enunciados diferentes, mas também atribuem a enunciados superficialmente idênticos, estruturas diferentes”. Segundo a autora (1996) isso acontece em relação aos sistemas Português do Brasil e Português Europeu (doravante PB e PE. Com base

nesse modelo (Modelo de Princípios e Parâmetro), a autora interpreta os novos fatos da língua como decorrentes de mudanças paramétricas que dão origem a uma nova gramática. Para ela, as mudanças superficiais são reflexos de uma mudança profunda na natureza do morfema de concordância presente na flexão verbal originando outros fenômenos como por exemplo, a modificação do sistema pronominal. Em dados de Monteiro (1994, p.165), constata-se que a realização do pronome objeto (PB) é quase nula. O autor atesta para a tendência de uma maior frequência do pronome sujeito e de uma altíssima taxa de apagamento dos pronomes objeto no português oral do brasileiro. Tarallo (In: Galves 1996, p.388) também mostra que a partir do século XIX há uma tendência ao maior preenchimento pronominal do sujeito a ao menor preenchimento pronominal da posição objeto. Considerando essas questões e à luz das regras estabelecidas pela gramática normativa para os pronomes, limitando-me ao pronomes pessoais nos casos acusativo e dativo, analisei o emprego dos pronomes complementos na escrita dos alunos de 5ª série do Colégio de Aplicação da UFSC. Estabeleci a seguinte hipótese: O uso dos pronomes complemento concorre na escrita formal com outras formas de representação além da estabelecida pela gramática normativa?

Analisei o uso do pronome complemento a partir do que as gramáticas normativas estabelecem como regra de uso, a fim de constatar sua aplicação e, a partir da observação empírica dos dados linguísticos, determinar o ponto de partida da investigação. Para isso, foram investigadas as gramáticas de Napoleão Mendes de Almeida (1971), Celso Cunha (1976) e gramáticas publicadas recentemente por autores como Faraco & Moura (1999), Pasquale & Ulisses (1998). Além da gramática do português europeu em CUESTA & LUZ, (1971). Sendo assim, apresentarei, resumidamente, em um primeiro momento, como as gramáticas normativas

nesse modelo (Modelo de Princípios e Parâmetro), a autora interpreta os novos fatos da língua como decorrentes de mudanças paramétricas que dão origem a uma nova gramática. Para ela, as mudanças superficiais são reflexos de uma mudança profunda na natureza do morfema de concordância presente na flexão verbal originando outros fenômenos como por exemplo, a modificação do sistema pronominal. Em dados de Monteiro (1994, p.165), constata-se que a realização do pronome objeto (PB) é quase nula. O autor atesta para a tendência de uma maior frequência do pronome sujeito e de uma altíssima taxa de apagamento dos pronomes objeto no português oral do brasileiro. Tarallo (In: Galves 1996, p.388) também mostra que a partir do século XIX há uma tendência ao maior preenchimento pronominal do sujeito a ao menor preenchimento pronominal da posição objeto. Considerando essas questões e à luz das regras estabelecidas pela gramática normativa para os pronomes, limitando-me ao pronomes pessoais nos casos acusativo e dativo, analisei o emprego dos pronomes complementos na escrita dos alunos de 5ª série do Colégio de Aplicação da UFSC. Estabeleci a seguinte hipótese: O uso dos pronomes complemento concorre na escrita formal com outras formas de representação além da estabelecida pela gramática normativa?

Analisei o uso do pronome complemento a partir do que as gramáticas normativas estabelecem como regra de uso, a fim de constatar sua aplicação e, a partir da observação empírica dos dados linguísticos, determinar o ponto de partida da investigação. Para isso, foram investigadas as gramáticas de Napoleão Mendes de Almeida (1971), Celso Cunha (1976) e gramáticas publicadas recentemente por autores como Faraco & Moura (1999), Pasquale & Ulisses (1998). Além da gramática do português europeu em CUESTA & LUZ, (1971). Sendo assim, apresentarei, resumidamente, em um primeiro momento, como as gramáticas normativas

estabelecem as regras de uso do pronome oblíquo como complemento verbal.

1. Algumas considerações da gramática normativa para o pronome complemento no PB e PE

Nas gramáticas do PB os autores apresentam como sendo do caso oblíquo com função de complemento objeto direto os pronomes *o, os, a, as* e como complemento objeto indireto *lhe e lhes*. Os pronomes *ele, eles, ela, elas* exercem função de sujeito nas orações. Pasquale & Ulisses (1998) afirma que,

na linguagem formal culta (falada ou escrita) esses pronomes (retos: *ele, ela, eles, elas*) não devem ser usados como complementos. Frases como “*vi ele na rua*”; “*encontrei ela na praça*”, comuns na língua oral cotidiana, não são aceitas no padrão formal da língua. Na língua culta, devem ser usados os PO correspondentes: “*Vi-o na rua*”. Bem como, não se pode atribuir a função de complemento direto aos pronomes *lhe, lhes*: “*Não é possível dizer na língua culta “eu lhe amo*”.

Celso Cunha (1976) concorda que o uso no PB difere do estabelecido na gramática normativa e diz:

na forma vulgar e familiar do Brasil é muito freqüente o uso do pronome *ele (s) ela (s)* como OD em frases do tipo: “*Vi ele*”. Embora essa construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta nos trovadores portugueses dos séculos XIII e XIV, devem ser hoje evitadas.

Faraco & Moura (1999) considera o uso dos pronomes retos como complemento não gramatical, mas reconhece que essas formas aparecem com bastante frequência na linguagem coloquial: Esse emprego, embora seja considerado infração da norma culta, aparece incorporado pela literatura. Os autores exemplificam com textos de Érico Veríssimo e Monteiro Lobato, como segue: “Desamarrem esse homem e levem ele para minha barraca”; “Não deixam minha alma entrar no céu, tocam ela de lá”. Na gramática de Pilar Cuesta e Maria Albertina Luz para o PE vê-se as seguintes colocações em relação ao uso dos pronomes complementos:

não existem em português formas diferentes de complemento direto e complemento indireto exceto na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural mas, nesta mantém-se com toda nitidez a distinção entre o dativo e o acusativo. Caso diferente é o da língua familiar brasileira.

Ao apresentarem algumas particularidades do uso do pronome complemento, as autoras ressaltam que: “o uso do pronome pessoal sujeito da terceira pessoa, ele, ela, eles, elas como complemento directo sem preposição é característico da fala familiar brasileira de todas as classes sociais. Inclusive os brasileiros mais cultos costumam dizer, em vez de Vi-o, Vi ele. Quanto as combinações dos pronomes me, te, lhes, nos, vos e lhes com o, a, o, as dando origem a formas como: mo, mos, to, tos, lho, lhos, lha, lhas os autores brasileiros concordam que essas são combinações não usadas no PB com emprego restrito à língua literária. Em CUNHA (1976) o autor faz a seguinte afirmação:

Quando numa mesma oração ocorrem dois pronomes átonos (OD/OI) podem combinar-se. No Brasil, quase não se usam as combinações mo, to, lho, no-lo, vo-lo. Da linguagem coloquial estão de todo banidas e na língua literária só aparecem geralmente, em escritores um tanto artificiais.

CUESTA & LUZ (1971 p. 491) referem-se da seguinte forma ao não uso no PB das contrações dos pronomes complemento na fala dos brasileiros:

As contrações do pronome complemento indirecto com o complemento directo, *mo, to, lho, etc.* são no Brasil unicamente empregues por escritores que procuram dar às suas obras um tom lusitanista, pois repugnam ao ouvido brasileiro, que muitas vezes suprime o pronome complemento directo e outras os pronomes: “Ele te deu o chapéu? Deu-me (ou deu). Quanto ao complemento de segunda pessoa de cortesia (uso familiar em Portugal e que praticamente desapareceu no sistema do PB) “as pessoas cultas empregam geralmente *lhe* e na linguagem pouco cuidada utilizam-se as formas de sujeito de tratamento sem preposição *Eu lhe obedecerei ; Vi você* na rua. (CUESTA & LUZ, 1971, p129/130)

1.2. Identificando os pronomes objetos

Segundo Monteiro (1994) com a evidência de um maior preenchimento do pronome sujeito e o apagamento dos pronomes objeto no PB, inexistem simetria entre o sujeito e o complemento. O que não impede de as alterações verificadas no caso oblíquo serem reflexo do que ocorre no caso nominativo. As novas possibilidades de realização ou da não realização do sujeito podem determinar em que condições o complemento se apresentará. A atualização do objeto direto anafórico (Monteiro1994) pode ser visto sob três possibilidades: os clíticos *o(s)* e *a(s)*; as formas *ele(s)* e *ela(s)* e o vazio lexical. Os clíticos parecem caracterizar o PE em que há nítida distinção entre as formas pronominais do sujeito e do objeto. No sistema do PB, no entanto, esses clíticos de terceira pessoa estão em fase de extinção e outros recursos foram criados para substituí-los, como, por exemplo, o

emprego das formas do caso reto na fala popular e que encontra resistência no emprego da norma culta. Ou o apagamento do objeto que segundo Duarte (1984) se explica, pois com esse recurso, o falante evita uma forma considerada pedante (o clítico acusativo) e outra tida por “incorreta” (os pronomes ele/ela como complemento).

1.3. A seleção dos dados

Detive-me nas modalidades de atualização do complemento: os clíticos, os pronomes retos de terceira pessoa, os sintagmas lexicais e a categoria vazia. Foram analisadas as produções textuais de 35 alunos das 5^a séries B e C do Colégio de Aplicação da UFSC, no ano de 2008. Selecionados os textos produzidos em uma atividade de leitura da obra “O velho da praça” na qual os alunos deveriam recontar com suas palavras cada um dos capítulos lidos semanalmente. Os textos foram escolhidos tendo em vista o critério de maior fidelidade ao que se havia sido propostos: reescrita dos principais fatos em uma linguagem própria. Foram excluídos da pesquisa os que apresentaram um resumo muito próximo à linguagem do autor.

1.4. Os dados levantados

Observou-se a ocorrência de 267 realizações do complemento verbal objeto direto e indireto nas diferentes modalidades: pronome do caso oblíquo, pronome do caso reto, sintagmas lexicais e categoria vazia, conforme tabela a seguir.

Pronome do caso oblíquo	%	Pronome do caso reto	%	Sintagma lexical	%	Categoria vazia	%	Total	%
188	70.4	54	20.2	16	5.9	9	3.3	267	100

Tabela 1: Total dos dados levantados, a frequência das realizações e a porcentagem correspondente dos complementos: pronome do caso oblíquo, do caso reto, sintagma lexical e categoria vazia.

1.5. O conceito em sala de aula

Nas aulas de Língua Portuguesa na 5ª série, abordamos o uso dos pronomes pessoais do caso reto e oblíquo, tanto na linguagem formal/escrita como na linguagem coloquial. Para isso, foram trabalhadas atividades demonstrando as possíveis realizações tanto dos pronomes do caso reto como do caso oblíquo de forma ainda não aprofundada, mas que permitiram ao aluno perceber a diferença no uso a partir do que se estabelecem nas gramáticas normativas. Durante as aulas, tendo em vista o aprimoramento dos textos, foram realizadas atividades de substituição dos sintagmas lexicais por pronomes pessoais, tanto na posição de sujeito como de complemento, na tentativa de evitarem-se repetições de um mesmo termo, estabelecendo-se os elementos coesivos.

1.6. Algumas realizações do complemento nos dados analisados

A realização mais recorrente do complemento verbal na forma de pronome oblíquo (70.4%) era esperada por se tratar de um texto produzido a partir de uma releitura do texto original, apesar da orientação de reescrita e não de uma cópia literal. Mas, o fato de o aluno ter tido contato com a linguagem formal da obra, leva-o a espelhar-se no ato de reescrita. No

entanto, vemos que ainda há muita insegurança em relação ao uso, pois em um mesmo texto, produzido pelo aluno, há diferentes realizações como podemos constatar em:

(1) “... Manuel **o** reconheceu”.

(2) “... viu um vulto e **o** reconheceu”.

(3) “...chamando **ele** de covarde.”

(4) “João seguiu **ele**”

(1) “...olhou para o lado e viu Ferrabrás, analisou-**o** e disse...”

(2) “...foi ele que pegou-**o**”

(3) “...mas João logo pega **ele**.”

Já em outros textos, as realizações na forma do complemento com pronome de 3ª pessoa do caso reto (ele/ela) predominam, como vemos a seguir:

(1) “Ninguém chamava **ele**.”

(2) “João disse não vou matar **ele**”.

(3) “...e João leva **ele** para Campinho Verde”.

(1) “Ele se fantasiou para que ninguém conhecesse **ele**.”

(2) “Agora todo mundo estava respeitando **ele**.”

- (3) “Relâmpago passou e pegou **ele**.”
- (4) “... que a preta Filomena que achou **ele**.”
- (5) “... mas João prende **ele**.”
- (6) “Quem leva **ele** sou eu.”

A ocorrência do complemento na forma de pronome pessoal do caso reto (ele/ela) (20.2%) demonstra que há uma forte tendência a se conservar na escrita, o modelo da linguagem falada conforme destacam CUESTA & LUZ (1971 p. 491): “o uso do pronome pessoal sujeito da terceira pessoa, ele, ela, eles, elas como complemento directo sem preposição é característico da fala familiar brasileira de todas as classes sociais. Inclusive os brasileiros mais cultos costumam dizer, em vez de Vi-o, Vi ele. E Celso Cunha (1976): “na forma vulgar e familiar do Brasil é muito freqüente o uso do pronome ele (s) ela (s) como OD em frases do tipo: “Vi ele”.

Nos dados analisados, ainda se pode observar que o complemento verbal aparece na forma de sintagma lexical, possibilitando a repetição de um mesmo termo e, dessa forma, tornando o texto menos elaborado.

- (1) “... trazendo **João** e convencendo **João** a ficar”
- (2) “... **João** nasceu e Crisanta abandonou **João**...”

Também como recurso linguístico mais seguro, há o apagamento do complemento, segundo explica Duarte (1984): “... ou o apagamento do objeto que segundo se explica, pois com esse recurso, o falante evita uma forma considerada pedante (o clítico acusativo) e outra tida por “incorreta” (o pronome ele como complemento)”.

Vemos esse apagamento em 3.3% das realizações nos textos produzidos pelos alunos, principalmente com os clíticos dativos.

(1) “... e **disse** para limpar seus sapatos.”

(2) “João **agradeceu** e foi embora”.

(3) “... **largou** no canteiro e foi embora.”

(4) “... mas João **interrompeu**...”

1.7. Outras particularidades

Algumas outras realizações merecem destaque como o uso do pronome pessoal de 3ª pessoa acusativo (o, a) como complemento dativo, ou mesmo a duplicação do pronome complemento em uma hipercorreção.

(1) “... que não **o** dava mais bola...”

(2) “Seu Augusto foi **o** atender.”

(3) “... que **o** deu leite.”

(4) “... quem dava-**o** leite.”

(5) “... e o pergunta o que está fazendo.”

(1) “... que o entrega um bilhete **para ele**.”

(2) “... que o acariciavá-**lhe**”.

Ou ainda o uso do pronome oblíquo justaposto ao sintagma verbal:

(1) “... e disse que ninguém queria **namoralo**.”

(2) “... João para **alegralo**.”

(3) “Manuel **levantouse**.”

(4) “... e falou pra ir **pegalo**.”

1.8. Comentários finais

Como podemos observar, são muitas as construções possíveis no uso dos complementos verbais que reafirmam os estudos já realizados nas últimas décadas. Diante dessa realidade linguística, cabe aos profissionais de língua portuguesa o papel de mostrar as possibilidades de uso em cada variável (formal/informal; padrão/ não padrão) a fim de instrumentalizar o aluno em suas práticas. O estudo dos aspectos gramaticais sem demonstrar as possibilidades de realização nas variáveis linguísticas torna o ensino com menos chances de ser interessante e produtivo. Ao perceber que pode escolher a forma mais adequada ao contexto e como isso acontece, o aluno pode ter o privilégio de pensar a sua língua como um instrumento vivo e, dessa forma, refletir sobre ela. Ao mesmo tempo em que o professor passa a

Referências:

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 1971
- BAGNO, Marcos. **Linguística da norma**. São Paulo, Edições Loyola, 2004.
- CIPRO, Neto Pasquale & INFANTE, Ulisses. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo, Scipione, 1998.
- CUESTA, Pilar Velaz & LUZ, Maria Albertina Mendes da. **Gramática Portuguesa**. Lisboa, Edições 70, 1971.
- CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 3ªed. rev. e atual. Rio de Janeiro, FENAME, 1976.
- FARACO & MOURA, **Gramática**. 12ª. Ed. São Paulo, Ática, 1999.
- GALVES, C. Charlotte. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Yan; KATO, Mary (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2ªed.Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.
- NICOLA, José de & INFANTE, Ulisses. **Gramática Contemporânea**, Scipione, 1989.
- MONTEIRO, José Lemos. **Pronomes Pessoais**. Fortaleza, EUFC, 1994.
- MORAES, Antonieta Dias de. **O velho da praça**; ilustrações Ciça Fittipaldi, 19ªed. São Paulo: Atual, 1988.
- SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa Gramática**. 25ªed. São Paulo, Atual Editora, 1999.
- VASCO, Sérgio Leitão. **Construções de Tópico no Português: a fala brasileira e portuguesa**. Tese de Mestrado. UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.

Crédito das imagens⁵⁸:

- 1.Cerâmica Grega “kratera” (p.25)
Revista Ventura. Março-Maio. nº11 Ano 3. SPALA Ed. Ltda, 1990.
- 2.Eryck Schmitz (p.39)
- 3.Larissa Leal de Souza Martins.(p.54)
- 4.João Vitor Costa.(p.73)
- 5.Maíra Moreira Mayer.(p.92)

⁵⁸ As imagens presentes nesta revista são resultados de dois processos. O primeiro foi constituído pela atividade desenvolvida pela professora Marília Borba com alunos da 6ª série do Ensino Fundamental no CA, a partir do *Vaso Grego*. Em seguida, Diogo Nunes, bolsista da revista, fez uma montagem a partir dos trabalhos recebidos. Marília Borba, além de professora de Arte, é artista plástica, tendo participado de diversas exposições (individuais e coletivas). onzem@hotmail.com

Diogo Nunes da Luz é graduando em Letras-Português na UFSC. poetadluz@yahoo.com.br

O desenho da folha de rosto foi idealizado por Manuela Góis e Silva e realizado por Lucas Bruno Barbosa Sandoval em 2000.